

DIÁLOGOS COM O FANTÁSTICO: ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO

DIALOGUES WITH THE FANTASTIC: ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO

Luciane Alves Santos
Doutora em Letras
Universidade Federal da Paraíba
(luciane.ufpb@gmail.com)

Maria Alice Ribeiro Gabriel
Doutora em História Social
(avmarg@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo propõe discutir como as narrativas de **Assombrações do Recife Velho** (1955), de Gilberto Freyre, se aproximam do projeto estético do Fantástico. Fundados na cultura local, os relatos da obra apresentam um paralelo entre o oral e o escrito. A partir dos temas tradicionais da literatura fantástica, discute-se, sucintamente, a presença do sobrenatural, considerando os estudos de Jean Molino (1980), Irène Bessière (1974) e Remo Ceserani (2006).

Palavras-chave: Gilberto Freyre. Fantástico. Oralidade. Literatura.

ABSTRACT: This paper proposes to discuss how the narratives of **Assombrações do Recife Velho** (*Hauntings of Old Recife*, 1955), by Gilberto Freyre, can be included in the aesthetic project of the Fantastic. Based on the local culture, the accounts of Freyre's work present a parallel between oral and written. Considering the traditional themes of the Fantastic Literature, the presence of the supernatural in these accounts is briefly discussed, according to studies by Jean Molino (1980), Irene Bessiere (1974) and Remo Ceserani (2006).

Keywords: Gilberto Freyre. Fantastic. Orality. Literature.

Introdução

“Então, Prudência, assombração existe ou não existe? E a digna preta, com precisão que faria inveja a um nominalista do século XII: ‘Se tem nome, existe’”. (MOUTINHO, 1987, p. 17).

Em **Assombrações do Recife Velho** (1955), o conteúdo fantástico dos casos sobrenaturais coligidos encontra meio de expressão privilegiado na pena de Gilberto Freyre. As intrigas simples, mas envoltas em atmosfera inquietante, atribuem ao narrador as funções simultâneas de compilador, ouvinte e mediador no diálogo entre cultura oral e patrimônio escrito. A cidade do Recife e arredores se tornam o cenário para a irrupção do sobrenatural. E é nesse espaço delimitado que o misticismo se mistura à realidade social e cultural. Mas tal fenômeno não é exclusivo da capital

pernambucana: críticos contemporâneos admitiram a influência da cultura oral na conformação imaginativa e apelo popular da “literatura do sobrenatural”, crescente nos círculos letrados europeus a partir do final do século XVIII (SHELL, 2007, p. 24).

Compartilhando a concepção da crítica francesa Irène Bessière, em **Le récit fantastique – la poétique de l’incertain**¹, abordaremos o relato de natureza fantástica não a partir de uma categoria ou um gênero literário, mas como “[...] lógica narrativa que é tanto formal quanto temática e que, surpreendente ou arbitrária para o leitor, reflete, sob o jogo aparente da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário coletivo” (2012, p. 305-306). A autora define ainda o Fantástico como discurso narrativo que se utiliza dos métodos da imaginação, “[...] cuja fenomenologia semântica se relaciona tanto com a mitografia quanto com o religioso” e, a partir disso, não se distingue das manifestações aberrantes do imaginário ou de suas expressões, codificadas na tradição popular. Em resumo, o relato fantástico não se reduziria a componentes de natureza externa: crenças, mitos e tradições, embora deles se utilize dialeticamente.

É nesse sentido que as narrativas destacam a tradição cultural recifense: o sobrenatural se entrelaça com o mito, a lenda e o imaginário coletivo, inspirando o mistério e o enigma. No percurso desenvolvido por Freyre, não escapam passagens históricas, como a perseguição inquisitorial da “israelita de fortuna”, fonte do mito das águas encantadas do Riacho da Prata. Entre fantasmas de escravos e iaiás “de cabelos e desejos soltos”, surgem figuras emblemáticas: o lobisomem doutor, o barão de Escada, o visconde encantado, o Papa-Figo, a cabra cabriola, o fantasma “aciganado” Boca-de-Ouro e o bandido Cabeleira, transformado em mito depois de morto: “E esse mito, um mito de terror. Uma assombração” (FREYRE, 1987, p. 44).

A história do passado sobrenatural mostra visagens cingidas a espaços característicos: “São assombrações do Recife assombrações de cidade, para a qual ‘caipora’, ‘boitatá’, ‘curupira’, ‘saci-pererê’ são entes fora-de-portas” (FREYRE, 1987, p. 36). As “supostas aparições” irrompem na “história íntima da cidade do Recife”, trazendo de volta ao cotidiano o tempo das “almas-do-outro-mundo”, em situações

¹ 1 Trabalharemos, também, com a tradução do capítulo I, do livro **Le récit fantastique**, realizada por Biagio D’Angelo: “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”.

perturbadoras, por vezes envoltas no trágico e no cômico: “No Recife o sobrenatural é sobretudo uma perseguição do presente pelo passado” (FREYRE, 1987, p. 13).

Na primeira parte do trabalho, apresentaremos breve comentário sobre **Assombrações do Recife Velho**, em seguida, traçaremos alguns aspectos que permitem, na perspectiva de Jean Molino (1980), aproximar a obra do relato fantástico literário, oriundo das lendas, do folclore e da tradição oral. Por fim, a partir da leitura teórica de Remo Ceserani (2006) e outros estudos críticos, levantaremos temas e motivos que validam os relatos no projeto estético da literatura fantástica.

Assombrações do Recife Velho: um estudo sobre o passado sobrenatural

Assombrações do Recife Velho surgiu em 1929, quando Freyre dirigia o jornal **A Província**. No Prefácio à 1ª edição, ele descreveu-se como “organizador deste livro de histórias que não deixam de ser história: história de uma cidade tão célebre pelas assombrações como pelas revoluções” (FREYRE, 1987, p. 31). O Prefácio à 2ª edição define melhor a obra, ao esclarecer os propósitos do autor:

Este livro não pretende ser contribuição senão muito modesta para o estudo de um aspecto meio esquecido do passado recifense: aquele em que esse passado se apresenta tocado pelo sobrenatural. Pelo sobrenatural mais folclórico que erudito, sem exclusão, entretanto, do erudito. Mas sem que tenha sido preocupação do Autor entrar no mérito, por assim dizer, de qualquer desses sobrenaturais, cuja presença, real ou suposta, apenas constata, através de testemunhos, de experiências, de aventuras das chamadas psíquicas que teriam sido vividas por uns tantos recifenses em ambientes e em circunstâncias próprias do Recife: os de sua condição de cidade não só situada à beira-mar como cortada por dois rios; de burgo por algum tempo judaico-holandês e não apenas íbero-católico; de capital de província e de Estado depois de ter sido simples povoação de pescadores; de sede de vários conventos; de centro de atividades culturais importantes; de grande mercado de escravos trazidos da África; de espaço urbano caracterizado por sobrados de tipo esguio, de feitio mais nórdico do que ibérico: provável influência holandesa ou norte-europeia sobre sua arquitetura. Vários desses sobrados ganharam fama de mal-assombrados (FREYRE, 1987, p. 7).

As histórias coletadas foram “Quase todas recolhidas diretamente de boas fontes orais. De velhos e honestos moradores da cidade” (FREYRE, 1987, p. 30), amigos e conhecidos, como Evaldo Cabral de Melo, que “recolheu de gente antiga informações [...] sobre assombrações célebres”. “E quatro ou cinco casos foram

recolhidos em páginas de cronistas coloniais ou do tempo do Império e não da tradição oral ou popular. Nem dos arquivos policiais” (FREYRE, 1987, p. 15).

O diretor d’**A Província** teve a ideia de encarregar o repórter policial do jornal, “[...] Oscar Melo, de vasculhar nos arquivos e nas tradições policiais da cidade o que houvesse de mais interessante sobre o assunto: casas mal-assombradas e casos de assombração”. (FREYRE, 1987, p. 14). Nas cópias dos registros materiais cedidos pelo amigo e “chefe de polícia de então – Eurico de Sousa Leão”, Freyre encontrou: “Queixas contra espíritos desordeiros. Denúncias contra ruídos de almas penadas. Pedidos à polícia para resolver questões violentamente psíquicas. Que lhe trouxesse tudo isso copiado” (FREYRE, 1987, p. 14).

A ideia de convivência entre o real e o “sobrenatural” fora anunciada em **Casa Grande e Senzala**: “Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos” (FREYRE, 2014, p. 40); e justificada em **Assombrações do Recife Velho**: “[...] não há sociedade ou cultura humana da qual esteja ausente a preocupação dos vivos com os mortos. E essa preocupação, quase sempre, sob alguma forma de participação dos mortos nas atividades dos vivos” (FREYRE, 1987, p. 10-11).

A primeira parte do livro descreve fantasmas e entes sobrenaturais que assustavam os recifenses e se tornaram tradicionais na cultura local. A segunda apresenta os casarões assombrados, alguns marcados pela morte e por histórias de botijas e tesouros, “dinheiro enterrado e até esqueletos de gente emparedada como no romance do velho Carneiro Vilela” (FREYRE, 1987, p. 134). A possível interseção entre sobrenatural e fantástico distingue o livro no acervo de Freyre. Em Prefácio à 2ª edição, o crítico José Geraldo Nogueira Moutinho resumiu a essência da obra: um acervo de mitos populares e eruditos em “parágrafos encantados”.

Filiação ao Fantástico: o oral e o escrito, o folclórico e o erudito

Para o estudioso francês Jean Molino (1980), no ensaio **Le fantastique entre l’oral et l’écrit**, os temas do fantástico foram estudados somente em compreensão da literatura escrita, sob a aparente justificativa de que se trata de assunto do interesse das letras. Assim, parte da crítica pouco considera os temas e as formas do Fantástico pertencentes à literatura oral e ao folclore. Entretanto, durante décadas,

representações de natureza oral e popular foram absorvidas pela literatura. No Brasil, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jayme Griz, José Américo de Almeida, José Cândido de Carvalho, José Lins do Rego, Mário de Andrade e Monteiro Lobato confirmaram a integração da tradição popular à literária.

Não se pode ignorar a existência de inúmeras relações entre a ficção fantástica e as tradições populares. E, mais longe ainda, podemos afirmar que as variantes do imaginário coletivo originaram o fantástico moderno, aquele definido nos estreitos padrões teóricos do gênero literário pela ótica do crítico búlgaro Tzvetan Todorov, em **Introdução à literatura fantástica** (1970). Interessa-nos ampliar a discussão para a definição do Fantástico na perspectiva do modo discursivo, o texto que compreende as obsessões coletivas eternas, enraizadas nas literaturas orais e nos conflitos humanos.

Do ponto de vista antropológico, existe “uma inegável correspondência entre o fantástico literário e o fantástico da tradição oral” (MOLINO, 1980, p. 35). São temas religiosos, culturais, históricos, fundados na tradição e que evocam diretamente o sobrenatural por meio das crenças e da superstição local. Bessièrre igualmente admitiu a correspondência entre o Fantástico e as manifestações culturais de cada país em determinada época:

O relato fantástico utiliza marcos sócio-culturais e formas de compreensão que definem os domínios do natural e do sobrenatural, do banal e do estranho, não para concluir com alguma certeza metafísica, mas para organizar o confronto entre os elementos de uma civilização relativos aos fenômenos que escapam à economia do real e do surreal, cuja concepção varia conforme a época. Ele corresponde à colocação em forma estética dos debates intelectuais de um determinado período, relativos à relação do sujeito com o supra-sensível ou com o sensível; pressupõe uma percepção essencialmente relativa das convicções e das ideologias do tempo, postas em obra pelo autor (BESSIÈRE, 2012, p. 306).

Assombrações do Recife Velho está profundamente ligada às raízes da cultura popular, mas em paralelo ao relato escrito. A presença de temas amplamente explorados pelo Fantástico permite aproximar os relatos do universo das narrativas insólitas que floresceram da tradição oral. Se, ancorados pela definição canônica de Todorov, não podemos filiar diretamente essas obras à perspectiva genológica do

Fantástico, podemos inscrevê-las nos domínios do fantástico folclórico, de tradição oral, ou seja, na acepção de narrativas híbridas entre a lenda e o conto popular.

O universo da lenda é construído no âmbito da oralidade e no processo de apropriação de valores culturais coletivos. Dessa forma, ela é sempre considerada fruto de uma experiência vivida, situada em tempo e espaço identificáveis. As narrativas emaranhadas na vida derivam da evolução social do homem, do processo de reconhecimento cultural e da necessidade de perpetuar a memória coletiva. Logo, é natural a necessidade de transmitir e comunicar as experiências vividas, sejam elas do mundo racional ou as preocupações e mistérios que rondam o universo.

Seguindo a tipologia proposta por H. Bausinger (*apud* MOLINO, 1980, p. 34), as lendas podem ser divididas em três categorias: demoníacas, históricas e etiológicas. No exemplário de **Assombrações do Recife Velho**, a maioria dos relatos pode ser associada aos temas que evocam o sobrenatural, portanto, mais próximos das lendas demoníacas. Corroborando o que se busca esclarecer neste texto, Jean Molino assegura que as lendas “estão sempre no caminho do fantástico”:

A definição da lenda implica certo número de características na organização da narrativa que são comuns à lenda e à narrativa fantástica literária: uma anuncia assim o molde formal da segunda. Situada nas três dimensões da *déixis*, a lenda coloca-se, desde o início, em uma perspectiva realista; a narrativa multiplica as indicações de tempo, lugares e pessoas. Para assegurar a autenticidade do acontecimento narrado, a narrativa será feita com frequência na primeira pessoa, não apenas no *Erlebnis*, mas também muitas vezes nas outras duas formas: o eu da narrativa remete de acordo com o caso do herói da narrativa ou a uma privilegiada testemunha dos acontecimentos. Mesmo se a narração não está em primeira pessoa, a narrativa apoia-se em uma série de testemunhos dos quais o narrador dá definitivamente garantia. Essa garantia é necessária para atestar a ruptura que produzem o excepcional e o sobrenatural no encadeamento do real ordinário (MOLINO, 1980, p. 34-35).

A obra de Freyre se apresenta nas três dimensões da *déixis* (*ego, hic, nunc* – eu, aqui, agora), assinalando uma clara organização em direção ao discurso fantástico. Em primeiro lugar, a perspectiva realista é assegurada pelo próprio *topus* demarcado no título da obra, em seguida, a garantia da veracidade é confirmada em vários momentos em que o narrador se reporta às fontes fidedignas dos relatos “[...] quase todas recolhidas diretamente de boas fontes orais. Dos velhos e honestos

moradores da cidade, entre os quais dona Maroquinha Tasso” (FREYRE, 1987, p. 15). São inúmeros testemunhos orais que garantem às narrativas sobrenaturais o *status* de verdade. Remo Ceserani (2006, p. 69) aponta o uso da primeira pessoa como um dos recursos retóricos frequentes na narrativa fantástica, além da constante presença de destinatários explícitos, como os ouvintes diretos de um caso. Esses destinatários autenticam e potencializam o texto fantástico.

A partir da reconstituição dos relatos orais em paralelo com a organização narrativa, podemos afirmar que a obra de Freyre oscila entre o folclore e o texto fantástico, pois, tradicionalmente, ele se manifesta em um universo concebido como real e aceitável pelas leis que regem a racionalidade humana. São acontecimentos que escapam à lógica existente e colocam em xeque a estabilidade psicológica do mundo racional. A ruptura que se encontra nos relatos está sempre posicionada em espaço concreto. Assim situados, os acontecimentos que desencadeiam o sobrenatural em **Assombrações do Recife Velho** frequentemente se desenvolvem em paralelo com o histórico, por meio de referências que validam o estatuto do real:

Não é rio sem mistério o Capibaribe, o principal do Recife. O poeta João Cabral de Melo Neto tomou-se de tal paixão por esse rio recifense que o vem cantando com o seu melhor fervor desde “O cão sem plumas” [...] Do meio dessas águas mais de uma vez têm surgido aos olhos do homem do povo – e não apenas de colegiais fugidos das aulas – aparições que talvez sejam – pensam eles – de almas de afogados. Ou de suicidas. Ou de criminosos arrependidos dos seus crimes (FREYRE, 1987, p. 65).

Vários relatos conjugam circunstâncias históricas, religiosas, lendárias e míticas, a exemplo da passagem sobre Branca Dias, cuja família, perseguida pela Inquisição portuguesa de Setecentos, fixou-se em Pernambuco, com engenhos em Camaragibe e Apipucos. No capítulo “No Riacho da Prata”, o autor acrescenta às crenças populares dos festejos juninos, movimentos híbridos entre o cristão e o pagão, a figura lendária da cristã-nova sepultada no século XVI: “As águas onde havia quem jurasse aparecer o fantasma de Branca Dias” (FREYRE, 1987, p. 60).

As lendas possuem uma realidade social que pressupõe crença. Na obra em questão, precisamente quanto às crenças dos moradores de Recife, esses relatos são, muitas vezes, a interpretação popular de fenômenos misteriosos do cotidiano:

De uma família opulenta do Recife se diz que na segunda metade do século passado teve o desgosto de ver o próprio chefe definhando de repente, devastado por uma das doenças mais inimigas do homem, seja ele rico ou pobre, preto ou branco. [...] Mas a tradição popular contra outra história. Diz que o ricaço estava dando para lobisomem (FREYRE, 1987, p. 71).

Os exemplos acima recolhidos apontam para a afirmação de Molino (1980, p. 40), que considera a relação de contiguidade entre o fantástico do folclore oral e o fantástico literário: “[...] o fantástico oral sofreu a influência do fantástico escrito, mas, em sentido inverso, a literatura fantástica só adquire sua verdadeira significação em relação às fontes e as formas orais das quais é prolongamento”.

Aproximação com o Fantástico: a recorrência dos temas

Os temas do Fantástico literário são os mesmos em torno dos quais gira a literatura popular. Ceserani elenca alguns sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica e que podem ser explorados na obra de Freyre. O primeiro tema abordado é a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo. O contraste evidente entre o claro e o escuro estabelece a relação de distanciamento entre o passado e a intervenção da modernidade que ilumina com “o esplendor do gás de hidrogênio” (FREYRE, 1987, p. 32), empobrecendo as transgressões do natural, como bem observa Ernest Bloch:

Sem nenhum exagero, pode-se dizer: a pequena lâmpada incandescente no quarto, que o tornou menos rico de sombras, afastou – mais a fundo no exemplo de Voltaire – os assaltos do horror noturno, porque mandou embora o terror escondido nos cantos, eliminando o pavor exterior e interior (BLOCH *apud* CESERANI, 2006, p. 78).

De forma análoga ao raciocínio de Bloch, Freyre (1987, p. 32) assinala a transição de uma época à outra: do “burgo escuro”, passando pelos lampiões a gás até a chegada da luz elétrica, e seu efeito sobre os terrores noturnos, como: “Um golpe quase de morte no domínio que até então vinham exercendo as almas dos mortos sobre as ruas escuras do Recife”. As ponderações de ambos são similares, segundo consta na Introdução de **Assombrações do Recife Velho**:

Só na segunda metade do século XIX apareceram nas casas – as mais fidalgas já iluminadas a vela nos dias de festa e até comuns – os candeeiros belgas, os candeeiros de querosene, as lâmpadas de álcool, os bicos e as lâmpadas de gás. Luz mais brilhante que a antiga e que foi afugentando os fantasmas não só das ruas como do interior das casas. Obrigando-os a se refugiarem nos ermos, nos cemitérios, nas ruínas, nos restos de igrejas, de conventos, de fortalezas, nos casarões abandonados, nas estradas tão sombreadas de arvoredo a ponto das sombras abafarem a própria luz dos lampiões de gás (FREYRE, 1987, p. 32).

De acordo com Molino (1980, p. 38), a noite constitui importante elemento para a inscrição do fantástico popular. O escuro da noite marca a fronteira, é a porta de entrada para a manifestação do sobrenatural. Outro tema relevante é a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível. “A aparição repentina de um elemento estrangeiro no espaço doméstico de uma casa é quase um estereótipo, presente na psicologia e no imaginário cultural das comunidades humanas antes ainda que nos textos literários” (CESERANI, 2006, p. 85). O caso intitulado “O Boca-de-Ouro” relata a aparição da figura monstruosa, meio diabo, meio homem:

E ia remexer outros bolsos quando o tipo acapadoçado encheu de repente, e sem quê nem para quê, o silêncio da noite alta, o ar puro da madrugada recifense, de uma medonha gargalhada; e deixou ver o rosto de defunto já meio podre e comido de bicho, abrilhantado por uma dentadura toda de ouro, encravada em bocaça que fedia como latrina de cortiço. Era o Boca-de-Ouro (FREYRE, 1987, p. 47).

Essa figura é familiar ao imaginário dos recifenses, mas, ao mesmo tempo, por sua aparência monstruosa, causa espanto e repugnância àqueles que o encontram. Iniciando a lista das aparições, o diabo é a figura mais emblemática do sobrenatural. Presente em todas as vertentes do insólito, desde as lendas hagiográficas, ou do imaginário iconográfico medieval, ele transita entre a encarnação do mal e a perigosa sedução. Por seu aspecto aterrador, foi incorporado com frequência às narrativas fantásticas.

O pacto demoníaco foi assunto largamente explorado pela literatura do século XIX, a exemplo de Goethe, com **Fausto**, e de tantos outros bons escritores da tradição literária fantástica. No caso “Um barão perseguido pelo diabo”, o narrador explora a alegoria do mal: “Diz-se que fizera um pacto com o Cornudo pensando em

desembaraçar-se do chamado Príncipe das Trevas com facilidade com que se desembaraçara de outros entes incômodos” (FREYRE, 1987, p. 77).

A figura diabólica se apresenta nas narrativas de diferentes formas, seja como o meio homem, meio diabo, seja na forma medieval de um bode. Historicamente, o sacro e o demoníaco são constantemente ligados. O caso “A velha branca e o bode vermelho” narra a história da senhora mergulhada em polos opostos: na excessiva adoração à imagem do menino Jesus e na avareza com que mantinha à míngua suas sobrinhas. A aparição da horrenda figura, na voz do narrador, parece ter sido uma forma “pedagógica” de atrair a atenção para o comportamento censurável da “velha branca” em relação às parentas:

Quem sabe se não foi esta a razão de ter um dia a velhinha se assombrado com a figura de um bode vermelho ou encarnado ou escarlate, como o bicho do apocalipse? Quem sabe se Deus, o Pai, desaprovando o culto não digo excessivo, mas exclusivo, à imagem do seu Divino Filho, e a negligência da tia pela sorte daquelas três sobrinhas pálidas, também filhas de Deus, embora simples pessoas da terra, não permitiu ao Maligno aparecer naquela santa casa, só para sacolejar o coração da velha sinhá e abrandá-lo? (FREYRE, 1987, p. 83).

Na forma mais clássica do Fantástico, a estranha aparição do mal em ambiente de pura devoção confronta diretamente as normas do cotidiano. Esse abalo no cotidiano banal permite uma “[...] forte interiorização da experiência, o eu profundo é agredido por uma súbita irrupção” (CESERANI, 2006, p. 84).

Outra figura bastante requisitada no universo do Fantástico é o lobisomem. O clássico tema da licantropia, a regressão do homem à condição animal, não está ausente da coletânea de Freyre. Os capítulos “Um lobisomem doutor” e “Outro lobisomem” descrevem a metamorfose humana segundo o imaginário popular: “Empalidecendo, amarelecendo, perdendo toda a cor de saúde, como em geral os homens que dão para lobisomem. Tornando-se mais bicho do mato do que homem de sobrado” (FREYRE, 1987, p. 71). Em **La littérature fantastique en France**, Ehrsam (1985, p. 51) ressalta entre as técnicas da narrativa fantástica a descrição negativa, procedimento em que o léxico do narrador amplia o efeito da rejeição: “Tomava forma de cão danado mas tinha alguma coisa de porco. [...] Espojando-se na areia, na lama, no monturo. Correndo como um desesperado. Atacando com furor

dos danados a mulher, o menino e mesmo o homem (FREYRE, 1987, p. 48). O licantropo, híbrido monstruoso tradicional na cultura folclórica europeia, adquire nova feição sob a visão do autor, alusiva ao folclórico e ao erudito: “lobisomem doutor”.

Análoga às formas do mito, a narrativa fantástica se apresenta como ponto de interrogação sobre as fronteiras do humano e do não humano, do sagrado e do profano, do conhecido e do desconhecido. Trata-se de um texto que permite a passagem de um estado a outro, reflexo de uma transposição da ordem social, causada pela negação das leis estabelecidas.

Com relação ao espaço, podemos destacar a segunda parte da obra que reúne histórias de casas “outrora célebres pelo seu mistério”. Os fantasmas que assombram “casas por algum tempo misteriosas e terríveis” são considerados o tema mais popular das transgressões do natural. Ehrsam (1985, p. 63) discorre sobre a tradição dos fantasmas que aponta para algumas regras precisas como, por exemplo, a aparição somente no período noturno, preferencialmente à meia-noite. Em “O sobrado da Estrela”, o narrador valida os traços da tradição: “muita gente jura ter visto sair à meia-noite, uma moça muito branca, vestida de noiva, montada num burrico tristonho” (FREYRE, 1987, p. 119); e, também: “No sobrado mal-assombrado da rua de Santa Rita Velha as visagens só apareciam à noite: depois das sete horas” (FREYRE, 1987, p.131). Devemos lembrar que foge à intenção do autor construir um cenário fantástico por excelência, por isso a caricatura e o cômico despontam amiúde nas narrativas:

Aparecia o fantasma, segundo os moradores da rua, quase todas as noites, depois das onze horas. Com a regularidade de um funcionário público que não faltasse à repartição. Que à hora do ponto aparecesse com o rigor de quem cumprisse uma obrigação e praticasse uma devoção (FREYRE, 1987, p. 147).

Seres híbridos, fantasmas e toda sorte de inquietude sobrenatural emergem nos casos freyreanos e enveredam pelos caminhos do Fantástico. Certamente, **Assombrações do Recife Velho** não se fixaria à hierarquia das obras do Fantástico. No entanto, o tom ensaístico da prosa literária de Freyre trouxe para a crônica das assombrações do Recife a riqueza poética e simbólica da cultura popular, tão propícia à narrativa fantástica. Ao descrever o retorno dos mortos, “[...] do divino ou do angélico ao misticamente bestial”, equânime sobre o que poderia ser exposto como real ou pura sugestão – “vocações místicas” e “angústia de poeta morbidamente preocupado

com a morte” – os relatos partilham com o Fantástico o elemento que tenta a credulidade: “Grande parte dessas sugestões terá sido simples credence, superstição, histeria, até. Outra parte, porém, não se deixa facilmente explicar pelo simplismo cientificista: retém o seu mistério” (FREYRE, 1987, p. 10).

Considerações finais

Essencialmente, **Assombrações do Recife Velho** carrega o gosto da literatura de caráter folclórico, longe do ineditismo, mas com traços marcantes da inspiração do autor que dá colorido às crenças e tradições locais. É um novo (ou velho) Recife que se destaca sob a ótica de Freyre, cidade agigantada pela tradição de seus fantasmas “pouco ortodoxos”. A “relação de casos de visagens recifenses” torna a obra singular no conjunto da ensaística do autor pernambucano, que insere no cotidiano cidadão vasta galeria de seres sobrenaturais e casas mal-assombradas.

Sem a pretensão de determinar qualquer padronização ou enquadramento para a obra, buscamos neste texto apontar elementos de aproximação entre as lendas e “causos”, de caráter oral e folclórico presentes nas narrativas e os temas que constituíram a tradição do fantástico literário. É evidente que muitos traços do Fantástico se inscrevem no conjunto dos relatados de Freyre, sobretudo constatamos que existe um amálgama das fontes locais com a tradição literária europeia que marcou a literatura fantástica do século XIX.

Além disso, este estudo procurou destacar a engenhosidade do autor, ao publicar uma obra afinada em dois níveis que conciliam a literatura oral, de caráter popular, e a escrita, recolhida dos arquivos policiais da cidade. Por fim, vale destacar a assertiva de Jean Molino (1980, p. 40): “A tradição ocidental pertence a uma civilização do livro e do Escrito, na qual sempre houve influências recíprocas entre o oral e o escrito, entre a Grande e a Pequena tradição”.

Referências

BESSIÈRE, I. **Le récit fantastique. La poétique de l'incertain**. Paris: Larousse, 1974.

_____. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. Tradução de Biagio D'Angelo. **Revista Fronteiraz**, n. 9, Dezembro/2012.

CESERANI, R. **O Fantástico**. Tradução: Nilton Cezar Tridapalli. Londrina: Eduel, 2006.

EHRSAM, J. V. **La littérature fantastique en France**. Paris: Hatier, 1985.

FREYRE, G. (1955) **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

_____. (1933) **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2014.

MOLINO, J. Le Fantastique entre l'oral et l'écrit. Tradução de Ana Luiza Silva Camarani. **Europe: Les fantastiques**, n. 611, p.3-122, 1980.

MOUTINHO, J. G. N. Prefácio. In: **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

SHELL, A. **Oral Culture and Catholicism in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge, University Press, 2007.

Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 06 de outubro de 2016